

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE :

Globo

CLASS. :

35

DATA :

14 04 90

PG. :

67

Técnico do Bird pede reforma agrária para salvar Amazônia

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Em meio às vozes de ecologistas, antropólogos e seringueiros que participaram de um simpósio em Washington sobre a política ambiental brasileira, destacou-se a do Chefe da Divisão Ambiental para a América Latina e o Caribe do Banco Mundial, Robert Goodland, com a sugestão de uma providência definitiva para a preservação das florestas do Brasil:

— A reforma agrária é a medida mais importante para preservar a Amazônia. E depois de ver o Presidente Collor determinar o bombardeio das pistas clandestinas na área dos Yanomami, ressurgem as esperanças de que ele poderá implementar uma reforma agrária — disse Goodland.

Segundo ele, uma das maiores causas da devastação é a ocupação desordenada. E, por esse motivo, jamais se conseguiu obter um crescimento sustentável em qualquer floresta tropical.

— A colonização da Amazônia é algo impressionante. O assentamento de pessoas cresce à uma média de 2,8% ao ano, criando a pobreza. Para ocorrer um crescimento sustentável, é preciso haver uma estabilidade tanto do crescimento populacional, quanto das instituições do País — afirmou Goodland.

O encontro, que durou o dia todo, foi promovido pela National Wildlife Federation, que é a maior organização ecológica dos EUA. Os brasileiros presentes aproveitaram a oportunidade para dizer que, após as



recentes críticas à destruição das florestas, gostariam também de receber deles ajuda material. A diplomata Vera Machado, representando a Embaixada do Brasil, disse que o Governo Collor espera que sua gestão coincida com uma melhoria de condições econômicas em todo o Mundo, de forma que os países em desenvolvimento sejam auxiliados na solução de seus problemas ambientais.

Uma das necessidades do País, segundo lembrou Daniel Nepstad, ecologista americano que vem realizando pesquisas no Brasil, é uma colaboração na área científica. Ele disse que há uma enorme falta de técnicos no setor.

— O Brasil tem hoje a metade da população dos EUA. No entanto, a proporção é muito maior quando se trata de técnicos em meio ambiente: há um no Brasil para cada 30 nos

Estados Unidos — informou Nepstad, sugerindo um intercâmbio maior nessa área.

O depoimento que mais tocou as cem pessoas que assistiram ao simpósio foi o de Pedro Ramos, Vice-Presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros. Depois de resumir a história das batalhas dessa entidade para conseguir as reservas extrativistas na Amazônia, ele disse que o próximo passo seria o da modernização:

— Nós entendemos que não podemos continuar trabalhando com as técnicas antigas. Reconhecemos que temos que nos modernizar e absorver novas tecnologias — disse Ramos.

Ele emocionou a plateia ao dizer que sentia uma dor no peito ao ter de contar as histórias de violência

que acontecem na floresta amazônica e que já causaram a morte de centenas de trabalhadores.

— Sou brasileiro e gosto de ser brasileiro. Sou seringueiro e gosto de ser seringueiro. E por isso digo o que é preciso dizer. Mas isso dói. Não podemos aceitar que o lucro imediato destrua a floresta e as nossas famílias. A sede do lucro tem sido bem maior que o entendimento, que a razão — disse Ramos.

Em seguida, fez um alerta comovente:

— O lucro fácil tornou nossas autoridades miopes: elas não estavam enxergando o que estava acontecendo. Por causa do lucro podemos até vir a destruir a Amazônia, sem que ela se queixe. A floresta não grita. A floresta não chora. Mas a floresta se vinga.